



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 25 DE MAIO DE 1998

*Senhor Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores, Embaixador Sebastião do Rego Barros; Senhor Presidente do Grupo Consultivo; Senhor Alberto Duque Portugal, Presidente da Embrapa; Senhores Pesquisadores; Senhoras Pesquisadoras; Senhoras e Senhores,*

É, realmente, com muita satisfação, que o Governo do Brasil recebe nesta reunião, aqui no Palácio Itamaraty, esse Grupo Consultivo Internacional de Pesquisa Agropecuária.

E, para nós, é particularmente feliz, porque estamos comemorando os 25 anos da Embrapa. E a coincidência desses dois eventos, da presença de tão importantes especialistas, na matéria de desenvolvimento agrícola, de tecnologia agrícola, com o fato de estarmos comemorando os 25 anos da Embrapa realmente traz a nós, brasileiros, um momento de júbilo, um momento de alegria.

Gostaria, apenas, de reiterar o que todos sabem, mas convém, como Presidente da República, que reitere. É cada vez mais central a percepção que temos, no Brasil e no mundo, de que agricultura é essencial para o desenvolvimento nos moldes em que o concebemos hoje em dia.

E essencial por várias razões, a primeira das quais é a mais óbvia, porque temos que alimentar as populações, e temos que ter a preocupação com a segurança alimentar. Temos que entender que o bem-estar das populações, principalmente das mais pobres, depende diretamente da nossa capacidade de ofertar alimentos, de uma produção agrícola e agropecuária adequada.

E é fundamental, também, porque, no mundo de hoje, não apenas precisamos olhar para a questão da oferta de alimentos, mas temos que prestar muita atenção à distribuição desses alimentos, porque a pobreza depende, fundamentalmente, da alimentação mais adequada.

Aqueles que tiverem alguma noção de teoria econômica – eu não sou economista, como muitos outros que aqui estão, que têm mais experiência do que eu, nessa matéria – sabem que existe uma famosa formulação antiga, chamada Lei de Engel (que não é o Engels, com “s”, é outro, sem o “s”).

Essa Lei de Engel diz o seguinte: que o grosso da renda da população mais pobre é consumido em alimentos. Quanto mais pobre, mais se gasta em alimento. Por consequência, quanto mais relativamente se baixam os custos dos alimentos, automaticamente se está melhorando o nível de renda dos mais pobres, dos que mais necessitam. Daí que a agricultura seja, efetivamente, central. Porque ela não apenas oferece os alimentos como oferece o principal instrumento, hoje, para nós, mais rapidamente, melhorarmos o nível de vida das populações.

E eu acrescentaria um outro elemento, novo, nessa questão da centralidade da agricultura, no mundo contemporâneo, que é que nós, hoje, todos, estamos comprometidos com a visão do crescimento econômico, com a visão do desenvolvimento, não apenas em termos do progresso técnico e da justiça social – e já me referi a ela, com distribuição de renda – mas, também estamos diretamente preocupados com a sustentabilidade do processo de desenvolvimento, ou seja, em respeitar as condições do meio ambiente.

E hoje é possível casar o progresso tecnológico, que aumenta a produtividade, aumenta a oferta agrícola e agropecuária, com uma preocupação genuína com a preservação das condições ambientais, com a

utilização cada vez mais adequada dos meios que reproduzem com rapidez, mas que não danificam a natureza, evitando-se os agrotóxicos, naquilo que eles são danosos, aumentando a nossa capacidade de controles biológicos das pragas, e assim por diante.

Então, de alguma maneira, no mundo de hoje, a agricultura volta a ter uma importância, uma centralidade, como ela tinha nos teóricos do século XVIII e do século XIX. Só que, naquela época, eles viviam preocupados com a incapacidade relativa de a produção alimentar crescer tão rapidamente quanto a população. Malthus, hoje, ficaria um pouco decepcionado por sua incapacidade de prever o futuro, mas mais tranquilo, porque não veria a catástrofe iminente do crescimento da população sem que houvesse a oferta agrícola aumentada.

Isso não nos consola totalmente, porque essa oferta agrícola, para ser aumentada, vai de muito esforço, de muita coordenação, de muita competência. Mas, exatamente pelo fato de darmos tanta relevância à questão da agricultura é que o Presidente da República tem que agradecer a vocês duplamente: os membros do Grupo Consultivo, pela sua capacidade de assessoramento, desenvolvimento científico e à Embrapa, não só por isso, mas pela sua capacidade de relação direta e imediata com a produção agrícola brasileira, com a revolução que proporcionou na nossa produção agrícola brasileira, em todos os sentidos, pois o que temos visto acontecer aqui, no Brasil, com a ação da Embrapa, neste quarto de século, é muito significativo.

Não vou dar os dados, que vocês conhecem melhor do que eu. Mas a soja cresceu 360%, em 25 anos. Não é pouco. O milho, mais de 100%. O trigo, quase 150%. O feijão, um pouco menos. O consumo não aumentou também tanto nessa proporção. Frutas, nós triplicamos a produção de frutas no Brasil.

Nada disso aconteceria sem a Embrapa – nada. A capacidade que a Embrapa teve de adaptação de variedades, de adaptação da soja a esta região do Cerrado, as imensas potencialidades que nós estamos descobrindo, agora, na Amazônia, da utilização, não da floresta, mas de terras de baixios, que são terras úteis para a plantação de grãos. Tudo isso depende da adaptação de variedades às condições da natureza. E a Em-

brapa tem estado na vanguarda de tudo isso, como tem estado na vanguarda também da produção pecuária, no cruzamento de novas raças, como tem estado na vanguarda, ao chamar a atenção para a necessidade de prestarmos muita atenção na questão da biomassa, na questão da preservação dos genomas. Enfim, é uma enorme quantidade de avanços que devemos à Embrapa.

E sei, no caso da Embrapa, bastante diretamente, mas no caso do Grupo Consultivo, pelas informações de que dispõe, que nós, realmente, tivemos um apoio muito grande de todos vocês. E as consequências são óbvias. Até sempre se disse que o Plano Real, que deu a estabilização da economia, teve como um dos seus símbolos o custo do frango. Pode parecer ridículo que um plano sofisticado tenha como expressão o frango. Mas não acho ridículo, não. Acho essencial, porque isso mostra que deu bem-estar à população.

Mas não foi o Plano Real em si. Foi que houve, ao mesmo tempo, o aumento de produtividade. O preço do frango caiu de cinco reais para um real por quilo, em 25 anos. E essa mesma modificação aconteceu em tudo. O arroz agulhinha, um e setenta e poucos para 60 ou 70 centavos, e assim vai. Em vários produtos houve o barateamento do custo. Houve uma oferta, portanto, mais favorável à população.

Isso tem consequência em tudo. Tem consequência no problema mais dramático que temos, hoje em dia, no Brasil, que é o do assentamento dos que não têm terra, que, por certo, hoje são explorados politicamente. E tem meu repúdio essa utilização política de um assunto dessa importância. Mas o assunto tem importância. E é verdade que os governos dormiram muito tempo e que só agora estamos, com mais energia, dedicando forças à reconstrução de uma economia que estava, realmente, bastante desamparada – e ainda está – mas que não vai avançar, se não houver uma tecnologia adequada para a produção da pequena propriedade rural, da propriedade familiar.

E a Embrapa também desenvolve esse tipo de metodologia, para permitir a integração das populações mais carentes na produção rural. É certo que é preciso também de outros apoios. E o Governo tem feito. Fizemos um programa chamado Pronaf, em que, pela primeira vez, na

história do Brasil, se dá recurso para quem não tem quase nada. E estamos aumentando, fortissimamente, os recursos do Pronaf e o número de famílias atendidas, que passou de trinta e poucos mil, quando criei esse programa, em 96, para quase 500 mil, no ano em curso, que vamos poder atender.

Mas tudo isso que se faz se perderá, se não houver um apoio tecnológico, se não houver um apoio entusiasta daqueles como os senhores, que são capazes de avançar. É claro: e não é só a agricultura que vai resolver todos os nossos problemas. Mas ela é essencial. E é claro também que uma parte da possibilidade de a agricultura se transformar efetivamente em uma riqueza nacional depende de outros fatores, basicamente da infra-estrutura. Não me refiro só à silagem, à possibilidade de se guardar em melhores condições a produção, mas me refiro ao transporte. E estamos, no Brasil, provocando – o tempo dirá – uma revolução nessa área. Pela primeira vez na história do Brasil, um sonho antigo, que era a utilização das vias fluviais como vias de transporte, passou a ser realidade. Então, hoje, nós podemos transportar a soja produzida em Mato Grosso, em Rondônia, pelo rio Madeira, depois pelo rio Amazonas e, do rio Amazonas, ela embarca para a Europa ou para onde seja, através de transatlânticos que chegam lá, ao porto de Itacoatiara, que foi adaptado para ser um porto graneleiro, como o foi o porto de Porto Velho, aqui no meio do Brasil, olhando para a Bolívia.

Quem for ao sul do Brasil, verá que – e irei agora, talvez este fim de semana, para inaugurar uma ponte rodoferroviária que vai permitir a ligação da Fepasa, que é a ferrovia que liga os portos de São Paulo e depois os portos de Santos e, mais tarde, de Sepetiba e do Rio de Janeiro com o interior do Brasil, olhando para o norte, sonho antigo, que foi realizado recentemente – verá que estamos fazendo esse transporte ferroviário. Estamos fazendo com que haja intermodalidade nos transportes, para saia tudo mais rápido, mais eficiente e mais barato. Isso vai aumentar as condições do Brasil de produzir e de competir pelo mundo afora.

Não quero cansá-los, me atrasei um pouco. O Itamaraty é um dos mais belos palácios que nós temos aqui, em Brasília, o de que eu mais

tenho inveja, de quem pode usar esse palácio. Mas não é adequado para tanta gente. Então, vocês estão em pé, eu não quero cansá-los demasiado.

Quero apenas lhes dizer que, além disso, além da alegria, genuína, de quem realmente acompanha essas questões agrícolas, que eu tenho de recebê-los aqui, ao Grupo Consultivo, de comemorar o aniversário da Embrapa, quero dizer, também, que o Governo brasileiro está muito atento às nossas necessidades no plano internacional, no plano do comércio. Ainda recentemente, semana passada, eu estive na OMC, na Organização Mundial do Comércio, lá em Genebra, e fiz um discurso bastante claro, bastante forte para mostrar que não podemos concordar com o que existe hoje no mundo, que é uma armação enorme de subsídios – que custam 160 bilhões de dólares – para que os países ricos possam impedir que os países que precisam mais da exportação de produtos possam exportá-los.

E, ao mesmo tempo em que desenvolvemos a Embrapa, que temos os Grupos Consultivos, que temos quem entenda esse mecanismo no mundo, temos que lutar, muito firmemente também, para evitar que o protecionismo se transforme num instrumento dos países mais ricos contra o desenvolvimento dos países mais pobres. E é na agricultura que vamos ter que dar essa batalha, é na pecuária que nós vamos dar essa batalha. Estamos avançando na pecuária, estamos conseguindo certas zonas já livres da aftosa. Estamos conseguindo competir com carne de boa categoria, de boa qualidade. A Cota Hilton, nós também estamos participando dela. Enfim, o Governo está ativo na promoção da produção agropecuária do Brasil, mas falta muito. Vamos lutar muito mais.

Finalmente eu quero lhes dizer numa palavra, realmente, o reconhecimento, em nome de todos que conhecem a agricultura e a pecuária do Brasil, que os que são funcionários da Embrapa, os que são técnicos da Embrapa, os que são pesquisadores da Embrapa, são pessoas que merecem o nosso reconhecimento de brasileiros. O trabalho feito lá, por vocês, é extraordinário. E não há brasileiro hoje, informado, que tenha ligação com a agropecuária, que não seja um admirador e um devedor, na verdade, da Embrapa.

Nós nunca pudemos dar à Embrapa tudo o que ela merece. Em vários setores, desde o salário, até melhores condições de trabalho. Não porque não quiséssemos, mas porque ainda atravessamos momentos que não permitem ao Brasil reconhecer no trabalho de seus filhos, aquilo que eles merecem. Mas com o tempo isso virá. O reconhecimento, pelo menos simbólico, emocionado mesmo, do Presidente da República, a Embrapa já tem.

Agradeço a vocês todos, agradeço ao Grupo Consultor e me permito dizer que, hoje, o Brasil está de parabéns.

Muito obrigado.